

Carta do Prelado (Fevereiro 2010)

Na sua carta mensal, o Prelado anuncia um ano mariano no Opus Dei, para agradecer ao Senhor que S. Josemaria tenha visto, há 80 anos, que o Opus Dei também era um caminho de santidade para as mulheres.

04/02/2010

Queridíssimos: que Jesus me guarde as minhas filhas e os meus filhos!

Neste mês, faz oitenta anos que S. Josemaria viu que o Opus Dei era

também para as mulheres. Sabemos que no dia 2 de Outubro de 1928, quando recebeu a luz fundacional, o nosso Padre pensou que na Obra só haveria homens. Podemos por isso imaginar a sua surpresa e a sua alegria quando, poucos meses depois, a 14 de Fevereiro de 1930, o Senhor lhe fez perceber que contava também com as mulheres para levar a todo o lado, com o seu exemplo e a sua palavra, a mensagem da santificação no trabalho profissional e em todas as circunstâncias da vida corrente. Anos depois, cheio de agradecimento à Providência, comentaria que **realmente, a Obra, sem essa vontade expressa do Senhor e sem as vossas irmãs, teria ficado coxa**[1]. Assim se exprimiu muitíssimas vezes, dando-nos a entender, filhas, que a responsabilidade de cada uma é grande. Apesar de ser um pequeno parêntesis, rogo-vos que peçais ao

Céu uma intenção, que vos dará muita alegria.

Desde o dia 14 de Fevereiro de 1930, S. Josemaria trabalhou para abrir este caminho de santidade no meio do mundo, o Opus Dei, a mulheres de todas as profissões, raças e condições sociais. Agora, manifestamos à Santíssima Trindade a nossa gratidão, porque é uma realidade que esse trabalho se enraizou, em profundidade e extensão, por todo o mundo, apesar das grandes dificuldades que teve de superar, especialmente no início. Se a pregação de S. Josemaria sobre a santificação das realidades terrenas encontrou tantos obstáculos nos anos 30 e 40 do século passado, imaginai as dificuldades acrescidas, quando este convite para santificar todas as profissões honestas se dirigia a um público feminino.

Hoje em dia reconhecem-se às mulheres – e é lógico – as mesmas possibilidades que aos homens em múltiplos campos, mas há oitenta anos não era assim. Naquela altura, era pouco frequente, por exemplo, que frequentassem a universidade ou que trabalhassem fora de casa – à excepção dos trabalhos manuais, que sempre tinham feito –, e era ainda mais invulgar que ocupassem lugares de responsabilidade civil, social ou académica. Muitos lustros depois, o Concílio Vaticano II proclamava: «Mas a hora vem, a hora chegou em que a vocação da mulher se realiza em plenitude, a hora em que a mulher adquire no mundo uma influência, um alcance, um poder jamais conseguidos até aqui. Por isso, neste momento em que a humanidade sofre uma tão profunda transformação, as mulheres impregnadas do espírito do Evangelho podem tanto para ajudar a humanidade a não decair»[2].

Desde aquela época, percorreu-se um longo caminho, graças ao esforço de inúmeras pessoas que ajudaram a que se reconhecesse, também nas leis civis, a dignidade da mulher, a sua igualdade de direitos e deveres em relação ao homem. Entre essas pessoas – é de justiça reconhecê-lo – tem um lugar de destaque S.

Josemaria, que, desde o princípio, animou as suas filhas e as que se aproximavam da Obra, a atingirem as metas que lhes fossem possíveis, nos mais diversos sectores da actividade humana. Lembro-me de muitos casos concretos: desde a força com que encorajava as que tinham condições intelectuais a que se propusessem metas altas na sua vida profissional – no campo da cultura, das ciências, etc. –, até ao empenho, não menor, com que procurou que se reconhecesse o enorme serviço que outros trabalhos prestam à sociedade. Ao seu directíssimo impulso se deve, por exemplo, que

haja em todo o mundo instituições educativas dedicadas precisamente a qualificar profissionalmente muitas jovens para os trabalhos da casa, de modo a que estas actividades recebam o reconhecimento que merecem, tanto nas leis civis como na consciência social.

Dou graças a Deus porque os fiéis da Prelatura, em estreita união com tantas outras pessoas de boa vontade, contribuíram e continuam a contribuir para difundir pelo mundo esta visão cristã da condição feminina. Contudo, ainda há tanto por fazer! Se em muitos ambientes já se reconhece amplamente a dignidade e o papel da mulher, noutros é ainda uma remota possibilidade. Seja como for, as filhas e os filhos de Deus têm de prosseguir diligentemente com esta tarefa, e mostrar que, como o nosso Padre escreveu, **desenvolvimento, maturidade, emancipação da**

mulher, não devem significar uma pretensão de igualdade – uniformidade – com o homem, uma imitação da maneira de ser masculina. Isso não seria uma aquisição, seria uma perda para a mulher, não porque ela seja mais ou menos que o homem, mas porque é diferente. Num plano essencial – que deve ser objecto de reconhecimento jurídico, tanto no direito civil como no eclesiástico – pode falar-se de igualdade de direitos, porque a mulher tem, exactamente como o homem, a dignidade de pessoa e de filha de Deus. Mas para além desta igualdade fundamental, cada um deve alcançar o que lhe é próprio. E, neste plano, emancipação é o mesmo que possibilidade real de desenvolver plenamente as próprias virtualidades: as que tem na sua singularidade e as que tem como mulher. A igualdade em face do direito, a igualdade de

oportunidades perante a lei, não suprime, antes pressupõe e promove essa diversidade, que é riqueza para todos[3].

Tal como no ano de 2008, em que comemorámos o octogésimo aniversário da fundação da Obra, pareceu-me que o modo mais oportuno de canalizar a nossa acção de graças é viver estes meses caminhando pela mão de Nossa Senhora. Por isso tenho a grande alegria de convocar um novo *ano mariano* no Opus Dei, desde o próximo dia 14 de Fevereiro até à mesma data de 2011. Ao longo destes meses, vamos esforçar-nos por honrar mais e melhor a nossa Mãe, sobretudo cuidando com esmero a oração e contemplação do Santo Rosário, difundindo esta devoção entre as nossas famílias e os nossos amigos. E demos graças a Deus, expressamente, pela tarefa das mulheres que se ocupam do cuidado

material dos Centros da Prelatura, a qual contribui, de forma decisiva, para manter e melhorar o ambiente familiar que o Senhor infundiu na Obra, quando a inspirou ao nosso Padre em 1928.

Os primeiros meses do *ano mariano* coincidem com os últimos do Ano sacerdotal convocado por Bento XVI para toda a Igreja. Ao longo deste tempo, tenho insistido para que, ao pedirmos pelos sacerdotes, rezemos também para que todos os fiéis sejam mais conscientes da sua **alma sacerdotal**, com um esforço diário. E que nos decidamos, também quotidianamente, a comunicar a alegria deste dom – comum a todos os baptizados – às pessoas com quem convivemos.

O dia 14 de Fevereiro é um novo aniversário da fundação da Sociedade Sacerdotal da Santa Cruz, que ocorreu em 1943. Naquele dia,

enquanto S. Josemaria celebrava o Sacrifício do Altar no oratório de um Centro da Secção de mulheres, o Senhor quis dar-lhe a solução para que se pudessem incardinar sacerdotes no Opus Dei. O nosso Padre, homem de fé profunda na Providência divina, via claramente que, com esta coincidência de datas, o Senhor tinha querido reafirmar a profunda unidade – de espírito, de vocação e de governo – característica do Opus Dei, entre homens e mulheres, seculares e sacerdotes. Dizia: **é como se o Senhor nos quisesse dizer: não me quebreis a unidade da Obra! Amai-a, defendei-a, fomentai-a!**[4].

A alma sacerdotal não é mais que o sacerdócio comum feito vida nos baptizados, até chegar a abranger todos os instantes da sua existência. O nosso Padre agradecia a Deus que esta realidade fosse vida em cada uma e em cada um dos fiéis da Obra.

Tenho-vos dito muitas vezes, pregava, por exemplo em 1960, que todos, sacerdotes e leigos, têm alma sacerdotal. Mais ainda: eu diria a todos os meus filhos que são sacerdotes – com esse sacerdócio real de que S. Pedro fala (cfr. 1 *Pe* 2, 9) – não só por terem recebido o Baptismo, mas também porque *vos estis lux mundi*, sois luz do mundo e a luz não se pode esconder: *non potest civitas abscondi supra montem posita* (Mt 5, 14), não se pode esconder uma cidade edificada sobre um monte. Cristo é levantado na Cruz para atrair tudo a Si, e os meus filhos procuram elevá-Lo no cume de todas as actividades humanas nobres, para Lhe levar almas[5].

Ao recordar-nos esta certeza, animava-nos a pôr em acção as virtualidades contidas na vocação cristã. E não se limitava a enunciar

teoricamente esta verdade, mas também ensinava a pô-la em prática. Aconselhava a *viver* a Santa Missa ao longo das vinte e quatro horas do dia, apresentando ao Senhor, no ofertório, as actividades quotidianas, os êxitos e os fracassos, as penas e as alegrias. Recomendava a realização do trabalho esforçando-se por exercitar as virtudes que toda a actividade profissional comporta – laboriosidade, abnegação, serviço aos outros, etc. – com espírito cristão. Assim, concluía, a Santa Missa converte-se verdadeiramente **no centro e raiz da vida espiritual do cristão**[6], e prolongamos o Santo Sacrifício durante o dia inteiro.

E gostava de descer aos pormenores. Durante uma reunião com gente nova, respondeu deste modo à pergunta de como viver, na prática, a alma sacerdotal: **como achas tu que deve ser um sacerdote?**
Sacrificado, dedicado, sorridente,

que atraia, que não rejeite as pessoas que lhe pedem os seus serviços, que saiba desculpar, que saiba compreender, que saiba aconselhar, etc. Tu sabias isto e muitas coisas mais, e tenho a certeza, filho do meu coração, que o procuras pôr em prática: por isso tens alma sacerdotal[7].

E noutra altura dizia: participais no sacerdócio real por terdes recebido os sacramentos do Baptismo e da Confirmação, e participais também nos carismas que o Espírito Santo distribui, no sentido em que fazeis muitas coisas boas. Às vezes, uma palavra vossa abre os olhos a um cego. O vosso modo de actuar faz que um paralítico, uma pessoa que não fazia nada para a vida cristã, se levante e trabalhe ao vosso lado. E outras vezes são mortos, que já cheiram mal, que vão ao Sacramento da Penitência levados

pelos vossos pedidos, pelos vossos ensinamentos, pela vossa oração. Purificam-se, limpam-se e são capazes de todas as coisas boas: ressuscitaram[8].

À luz destas considerações, podemos perguntar-nos se a Santa Missa é de facto o ponto de confluência dos nossos desejos e intenções, a fonte de que se alimentam os desejos de santidade e de apostolado. Vemos almas nas pessoas com quem nos encontramos ao longo do dia? Reagimos com actos de amor e de reparação diante das ofensas que o Senhor recebe? Sintamo-nos, além disso, solidários com os que sofrem material e espiritualmente por causa de guerras, perseguições, catástrofes naturais, etc., e procuremos acompanhá-los com a nossa oração, e com a nossa ajuda material, sempre que seja possível. Desejamos que as notícias como a do terramoto no

Haiti não se fiquem em mera recordação.

Os frutos apostólicos dependem da união com Nosso Senhor, como o Papa salientou, referindo-se à extraordinária eficácia do Santo Cura de Ars. ***Conseguiu tocar o coração das pessoas***, declarava numa audiência, ***não em virtude dos próprios dotes humanos, nem contando exclusivamente com um compromisso da vontade, por mais louvável que fosse.***

Conquistou as almas, mesmo as mais refractárias, comunicando-lhes o que vivia intimamente, ou seja, a sua amizade com Cristo. Estava “apaixonado” por Cristo, e o verdadeiro segredo do seu êxito pastoral foi o amor que nutria pelo Mistério eucarístico anunciado, celebrado e vivido, que se tornou em amor pela grei de Cristo, pelos cristãos e por todas as pessoas que procuram Deus[9].

A 19 de Fevereiro recordaremos especialmente o queridíssimo D. Álvaro, que celebrava o seu santo nessa data. Confiamos na sua intercessão para viver este novo *ano mariano*, com o mesmo espírito filial com que o primeiro sucessor de S. Josemaria convocou e viveu outros anos marianos, por ocasião dos vários aniversários da Obra. No dia seguinte, 20 de Fevereiro, ordenarei diáconos dois irmãos vossos Agregados. Rezemos por eles e por todos os clérigos.

Há dias, o Santo Padre recebeu-me em audiência privada. Levei-lhe o afecto e a oração de todas e de todos, garantindo-lhe que rezamos constantemente pela sua Pessoa e pelas suas intenções. Continuemos assim, bem unidos ao Sucessor de Pedro e também a todos os Bispos, sacerdotes e fiéis da Igreja. Bento XVI quis abençoar todo o trabalho

apostólico dos fiéis da Obra e cada uma e cada um.

Não preciso de vos recordar que confio muito na vossa oração pelas minhas intenções. Continuai a rezar com generosidade.

Com todo o afecto, abençoa-vos

o vosso Padre

+ Javier

Roma, 1 de Fevereiro de 2010

[1] S. Josemaria, Notas de uma reunião familiar, Fevereiro de 1955.

[2] Concílio Vaticano II, Mensagem final às mulheres, 8-XII-1965, nn. 3-4.

[3] S. Josemaria, Temas Actuais do Cristianismo, n. 87.

[4] S. Josemaria, Notas de uma homilia, 14-II-1958.

[5] S. Josemaria, Notas de uma meditação, 15-IV-1960.

[6] S. Josemaria, Cristo que passa, n. 87.

[7] S. Josemaria, Notas de uma reunião familiar, 31-III-1974.

[8] S. Josemaria, Notas de uma reunião familiar, Outubro de 1972.

[9] Bento XVI, Discurso na Audiência Geral, 5-VIII-2009.

.....

pdf | Documento gerado
automaticamente a partir de [https://
dev.opusdei.org/pt-pt/article/carta-do-
prelado-fevereiro-2010/](https://dev.opusdei.org/pt-pt/article/carta-do-prelado-fevereiro-2010/) (11/08/2025)